

K.M. MORONOVA

ME DEIXE PARA TRÁS

Tradução

MARINA CASTRO

AVISO DE CONTEÚDO SENSÍVEL: ESTE LIVRO CONTÉM
CENAS DE ABUSO SEXUAL E VIOLÊNCIA GRÁFICA.

 Bloom Brasil

Para aqueles que desejam uma história de amor violenta.

Aviso de gatilho

O conteúdo deste livro pode ser perturbador e incômodo para alguns leitores. Este é um romance militar dark ambientado no contexto fictício das “Tropas Ocultas”.

Algumas das armas e das missões são altamente inverossímeis. Alguns lugares e pontos de referências também são fictícios.

Se você for sensível ou se sentir ofendido por qualquer um dos temas abaixo, por favor não leia esta obra.

Este livro inclui o seguinte: violência física, cenas de sexo explícito, fetiche por dor e sangue, humor mórbido, *gore* explícito, morte, linguagem chula, bullying extremo, assédio, abuso sexual, falta de consentimento, consentimento dubio, machismo, trauma de guerra/aspectos de guerra, transtorno de estresse pós-traumático, menção a estupro e invasão domiciliar e assassinato.

Prólogo

BONES

PATAGÔNIA, DOIS ANOS ATRÁS

Os olhos de Abrahm estão embaçados com sangue escuro. Tento limpar com a manga da camisa as linhas vermelhas em seu rosto, mas o sangue escorre sem parar da ferida na lateral da cabeça. Seu cabelo loiro-escuro, sempre tão brilhante, agora está em cor de chamusca, marcado pelo chamado da morte. Há terra e pedras coladas em sua pele grudada. Sou atravessado pelo pânico; é por pura força de vontade que consigo me obrigar a me manter impávido e desprovido de emoção.

— B-Bones...

Sinto um peso no peito com a fraqueza que prolonga suas respirações chorosas. A maneira como seus dedos tremem quando ele tenta me tocar. Suas luvas pretas estão encharcadas de sangue. Enterro os dentes no lábio inferior para aplacar a agonia que sobe por minha garganta.

— Estou aqui, Abrahm. — Fecho os olhos para repelir o desespero.

— Eu tô... — Ele tosse, e o sangue respinga na minha máscara. Não pisco. — C-com medo. — Seus olhos verdes estão amarelo-escuros com o líquido vermelho, se apagando conforme a morte se agarra a ele. Trê-mulo, tiro as luvas e pressiono a palma da mão fria em seu rosto.

Merda. Não era pra gente estar aqui. Não desse jeito. Era pro Esquadrão Riot nos encontrar no ponto de referência. Onde eles estavam, porra? Me abaixo quando uma saraivada de balas atinge o terreno seco e levanta poeira ao redor.

O peito de Abrahm se abre com um buraco bem perto do coração, e o calor de sua carne o abandona depressa. *Putá merda!* Levanto a cabeça e procuro o resto do nosso esquadrão através da fumaça. Há apenas três inimigos imóveis e sem vida largados na clareira. Eu os matei sem piedade, cruelmente, como havia sido ensinado a fazer, mas não foram eles

que atiraram no meu parceiro. Não são os responsáveis por seu declínio. A bala atravessou o colete direto e deve ser de um calibre maior. Cerro os punhos. Por que ele não ficou afastado como eu mandei? *Cacete!*

O restante do meu esquadrão está reagindo e protegendo a área, mas é tarde demais. Já vi muitos homens morrerem. Sei quando não tem mais salvação. Abrahm não vai sobreviver, e me vejo incapaz de sair do seu lado. Há protocolos que preciso seguir, e a missão ainda não está completa, mas isso já não parece importar para mim como antes. Não agora que ele vai morrer. Deixo que meus olhos se fechem e, com as mãos trêmulas, tiro a máscara devagar.

Um rosto que ninguém deveria conhecer. *Eu quero que ele conheça.*

Abro os olhos e abaixo a cabeça.

Abrahm arregala os olhos, franzindo levemente as sobrancelhas de preocupação.

— Bones, você não deveria...

Ele tenta cobrir meu rosto, mas não consegue levantar tanto assim o braço. Seguro sua mão quando ela cai.

— Bradshaw.

Seus olhos cansados estão se fechando bem devagar, mas um meio-sorriso se forma em seus lábios rachados.

— Meu nome é Bradshaw. — Minha voz não passa de um sussurro, mas sei que ele escuta. Abrahm solta o ar pela última vez, e isso parece um suspiro de alívio, não o último som que ele fará na vida.

Seus olhos continuam fixos em mim, agora opacos, mas me enxergando de verdade.

A luz se foi.

E a vingança nasce no meu coração.

1

NELL

Estou sendo transferida para um esquadrão de demônios. Não, não literalmente. Mas homens que são quase isso.

O Esquadrão Riot inteiro foi assassinado dois anos atrás durante uma missão de Nível Vermelho na Patagônia. Todo mundo, menos eu. E o que foi que ganhei por ter sobrevivido, além de toneladas de trauma? A transferência para o pior esquadrão possível: Malum.

Deixo um longo suspiro escapar e olho o relógio pela centésima vez. Bato o pé, impaciente, esperando a fileira de passageiros à minha frente pegar as malas dos compartimentos superiores para que eu possa sair do avião e chegar ao meu próximo terminal.

Correndo pelo aeroporto para pegar o voo de conexão, tento desesperadamente me convencer de que basta sangue e suor para conquistar o respeito do meu novo esquadrão. *Só me resta torcer pra eles não serem tão cruéis quanto o Riot quando entrei.*

Quando embarco, o assento da janela na minha fileira já está ocupado. Pego a passagem para verificar o número mais uma vez. *Esse idiota tá no meu lugar.* Bufo, irritada. É uma fileira de três assentos, e tem um homem em cada ponta, o que me deixa a poltrona do meio. O do corredor baixa o capuz no rosto.

O outro também está de preto e com o capuz cobrindo a cara, mas olha pela janela. Não parece preocupado com os arredores. Fico parada ali, irritada, mas as pessoas já estão ficando impacientes atrás de mim, então me conformo em sentar no meio. *Meu Deus, odeio viajar de avião!* Todo mundo fica bravo, cansado e muito, *muito* grosseiro.

O sujeito do corredor nem se dá ao trabalho de mexer as pernas ou levantar a cabeça, então engulo os palavrões que se acumulam na minha garganta e me aperto para passar. Quando minhas coxas roçam os joelhos dele, já estou arrependida das leggings pretas finas que coloquei pela manhã. Deveria ter escolhido uma calça de moletom.

Quando estou contornando seus pés, o meu fica preso entre os dele, e eu caio para a frente. Minha mochila cai no colo do cara da janela, e o cara do corredor meio que me segura, uma de suas mãos fortes me pegando pela barriga e a outra envolvendo a parte interna da minha coxa.

Instintivamente, me desvencilho do homem e lanço a ele um olhar mortal. Mas dura pouco. Porque, agora que ele está olhando para mim, consigo ver seu rosto atraente. Um brilho gelado irradia de seus olhos azul-claros. Seu maxilar definido e cerrado e sua falta de expressão não acrescentam nenhum calor à sua postura. Ele tem uma cicatriz fina de uns dois centímetros e meio embaixo do olho esquerdo, o que lhe dá um aspecto cansado. Outra cicatriz atravessa o nariz, e mais duas, pequenas, estão no canto direito de seu lábio inferior, quase como piercings. Seu rosto encovado é cheio de músculos que delineiam bem a estrutura óssea. Ele é facilmente o homem mais lindo em que já coloquei os olhos.

Caio em mim quando lembro que civis tendem a não encarar numa boa meus reflexos treinados de traçar seus perfis.

Inspiro fundo e solto o ar devagar.

— Obrigada — digo o mais casualmente possível antes de tomar o assento do meio.

Ele não responde e recosta a cabeça na poltrona. Olho de relance para ele e vejo fones com cancelamento de ruído despontando por baixo do capuz. Não penso duas vezes sobre o encontro. Só quero acabar logo com esse último voo para poder dormir antes que o pesadelo comece amanhã. O cara do assento da janela abre um sorriso breve para mim e me entrega minha mochila.

— Foi mal — murmuro, sem me importar em erguer os olhos para além de seus lábios.

Pego meus próprios fones com cancelamento de ruído e enfio a mochila embaixo do assento antes de me acomodar. Bom, pelo menos tanto quanto é possível se acomodar num avião. Detesto voar, sempre detestei

e sempre vou detestar. Antigamente, a ansiedade pulsava nas minhas veias quando eu embarcava em uma aeronave, mas fui treinada para perder esse medo.

São seis horas de voo até a Califórnia. Acabo pegando no sono, e então acordo num sobressalto por causa da turbulência.

Fico instantaneamente alerta e focada, mas então me lembro de que não estou em um helicóptero. Qualquer turbulência já me desperta. Me acostumei a ter o sono leve. Levanto a cabeça e olho ao redor com urgência, puxando os fones de ouvido para o pescoço e piscando para afastar a sonolência do cochilo. Percebo que todo mundo está lendo em silêncio, assistindo a um filme ou dormindo.

Aliviada, olho para o passageiro no assento da janela ao meu lado. Ele está me encarando com uma expressão curiosa. Arregalo os olhos ao observá-lo melhor. Está uma penumbra aqui, mas, mesmo se estivesse totalmente escuro, eu ainda seria capaz de notar que ele é bonito e *espera aí...* Eu poderia jurar que ele estava sentado no assento do corredor antes de eu dormir. Vejo o cabelo preto aparecendo por baixo de seu gorro cinza-carvão, assim como as sobrancelhas. Seus olhos têm um tom de azul mais escuro e suave do que antes.

Mas não há nenhuma cicatriz debaixo do olho esquerdo, nem atravessando o nariz nem no lábio inferior.

— Desculpa, mas você não estava sentado na poltrona do corredor? — pergunto, hesitante.

Ele não parece um cara dos mais bonzinhos. Então fico surpresa quando desfaz a expressão analítica e dá um sorrisinho.

— Não. É meu irmão gêmeo — ele diz, tranquilo.

Sua voz é rouca e agradável. Nem alta nem baixa demais: perfeitamente no meio.

Sou impactada pelo seu charme e levo um instante para me recompor.

— Ah...

Franzo as sobrancelhas, e ele parece achar graça. *Gêmeos?* Ele baixa os olhos para os meus lábios e depois volta a me encarar. Será que é modelo? Com certeza poderia ser. Estou ansiosa para perguntar coisas que normalmente não perguntaria. Tem algo convidativo e ao mesmo tempo provocante em seu sorrisinho irônico. *Me lembra o sargento Jenkins.*

Afasto esse pensamento depressa; pensar em Jenkins só traz uma dor profunda no meu coração.

— É, ele não é de falar muito, diferente de mim. — Dá uma piscadela. — Mas essa turbulência te assustou, hein? Você estava desmaiada com a cabeça no meu ombro. — Ele ri, e sinto um pouquinho do peso sair da minha alma.

Espera... eu fiz *o quê*?

Minhas bochechas ficam quentes, e me afasto dele o máximo possível na minha poltrona, sentindo que ainda estou perto demais e muito envergonhada. Mas não há como fugir: nossas coxas estão literalmente se tocando.

Estou horrorizada.

— Mil desculpas.

Ele solta uma risadinha e dá de ombros.

— Tá tudo bem, eu só não estava esperando. Você deve estar cansada, mas acordou de repente como se tivesse tido uma premonição ou algo assim. Pra onde você tá indo?

Meu coração dá um salto com o sorriso travesso que ele abre para mim. Seus cílios são compridos e grossos, deixando os olhos de oceano ainda mais irresistíveis. Ele parece ter vinte e tantos anos.

— Acho que não se deve dizer *premonição* num avião. — Devolvo o charme com a referência do filme e deixo escapar uma risadinha. — Coronado, Califórnia. E você?

Ele se mexe no assento para me encarar direito e abre um sorriso diabólico ao ouvir minha resposta.

— Também vou pra lá. Viajo bastante a trabalho, então estou acostumado com voos longos.

Faço que sim, achando melhor não mencionar que eu também.

Ele interpreta minha pausa como um indício de que não quero responder, então murmura:

— Eren.

— Hein? — Volto a olhar para ele, que abre mais um sorriso suave.

— Meu nome é Eren.

— Ah! É um prazer te conhecer, Eren. Eu sou a Nellie. — Uso meu apelido, em vez do nome formal.

Estendo a mão, desajeitada. As pessoas ainda apertam as mãos umas das outras? Estou acostumada a bater continência. Tudo parece surreal aqui no lado civil.

Não é como se eu tivesse tido tempo para me adaptar à sociedade. Mostrei ao mundo quem eu realmente era quando fiquei órfã, aos quinze anos. Foi aí que a facção militar secreta pôs as mãos em mim. Já se passaram dez anos desde então.

E é assim que você acaba na companhia de máquinas mortíferas de elite. As Tropas Ocultas pegam gente como eu, que fez algo inimaginável, e tiram proveito, em vez de nos jogar na cadeia. Não existimos, ao menos no papel. Já fomos esquecidos pelas pessoas que conhecíamos há muito tempo.

Eu não passo de uma arma. Um cachorro raivoso fugindo de um inevitável tiro fatal.

Esse talvez seja o segredo mais sombrio do governo: o submundo das forças especiais que faz todo o trabalho sujo com o qual eles não querem emporcalhar as mãos. Antiterrorismo, combate estrangeiro, batidas no mercado clandestino em busca de armas. Enviam a gente para conter tudo isso, e não recebemos nem um pinga do crédito.

Basicamente, no fim das contas, somos esquadrões suicidas. Os generais só se importam em garantir que a gente cumpra as missões. Não dão a mínima para nós.

Eren pega minha mão e aperta de leve.

— O sentimento é mútuo — diz.

Ele apoia a cabeça na poltrona e olha para mim. Seus olhos são implacáveis, me perfurando e me desafiando a desviar o olhar. Sou o tipo de pessoa que não consegue sustentar contato visual por mais do que alguns segundos, mas, com aquele homem, não sinto o impulso de me afastar. Eren está procurando alguma coisa nos meus olhos, me observando com atenção.

— Gostei das tatuagens — comenta ele, com um sorriso.

Levo as mãos ao pescoço.

— Obrigada. Doe pra cacete.

— Pode crer, mas ficaram ótimas. Tem alguém te esperando na Califórnia? — pergunta, com ousadia.

Balanço a cabeça. Com certeza Eren consegue ver o rubor nas minhas bochechas.

— Não... só trabalho. Ninguém especial lá.

Nem em lugar nenhum.

Eren ergue a sobrancelha e inclina a cabeça.

— Você é bonita demais pra não ter ninguém especial.

A criança sentada atrás de mim chuta minha poltrona, e eu só fico piscando feito uma idiota ao ouvir essas palavras.

Ele me acha bonita? No exército, os únicos comentários que recebo de homens são: “bunda maneira”, “eu te comeria”, “esse cabelão escuro é bom pra agarrar” e “você tem uma boca boa pra chupar um pau”. Mas aí veio o Jenkins, e, embora nunca tenha dito que eu era linda, ele garantia que eu soubesse disso com olhares roubados e beijos intensos.

Mas, quando penso no sargento Jenkins, só consigo lembrar do sangue em que ele ficou encharcado naquela última noite. Depois de vê-lo como vi na Patagônia, é difícil me recordar daquele cabelo loiro lindo e do sorriso raro que ele reservava só para mim.

Pisco para afastar as chamas que ameaçam consumir minhas lembranças.

— E você? — pergunto.

Com certeza Eren deve ter uma família ou pelo menos uma esposa. Assim que penso nisso, olho para sua mão. *Sem aliança.*

— Nada. Relacionamentos não são pra mim.

Isso desperta meu interesse. Será que ele é militar? Ele deve notar meu olhar curioso e abre um sorrisinho.

— Sou do exército — admite.

Percebo que Eren não quer falar muito do assunto, então não insisto. Não menciono que também sou uma assassina treinada. Preciso ser discreta em relação ao esquadrão a que estou me juntando, então não falo dele. Mas, só de pensar, me lembro do inferno para onde estou indo. *Esquadrão Malum.* A equipe das Tropas Ocultas que enviam quando não podem mandar nenhum outro esquadrão suicida. Malum, que fodeu com o Riöt ao não aparecer no ponto de referência antes de acontecer aquela merda toda na Patagônia.

— Obrigada pelo serviço, *senhor* — digo, maliciosa.

Eren arregala os olhos com um lampejo de interesse que faz seus lábios repuxarem. Não deve ser alguém que eu encontraria na base, né? Duvido muito. Normalmente eu não flertaria com um colega, porque sempre acaba mal, mas os homens com quem costumo trabalhar não têm essa cara de modelo. São depravados e sanguinários, como eu.

Acho que tá suave. Além disso, sem chance de ele estar nas Tropas Ocultas. Não tem a dureza necessária.

Ele ri com meu comentário e balança a cabeça.

— Sou só um oficial de baixo escalão. Ah, olha, o Bradshaw acordou... — murmura ele, olhando para trás de mim.

Também me viro e vejo de relance o homem do outro lado, a outra perna pressionada contra a minha. Volto a ver aqueles olhos azuis gelados e a cicatriz intimidante debaixo do esquerdo. A descoloração fica logo abaixo de sua pálpebra inferior, mas ele não parece ter ficado com nenhum tipo de sequela. *Sorte dele ter escapado de uma lâmina que passou tão perto.*

Não posso dizer o mesmo de Jenkins. Estremeço ao recordar o sangue espirrando de seu peito. Cerro os punhos e tento afastar da mente as últimas imagens dele. Eu deveria me lembrar do soldado que ele foi, não do estado em que o abandonei no campo de batalha. Ele me disse para deixá-lo ali, e foi o que eu fiz. Cumpri suas últimas ordens.

É isso que mais me assombra: a compreensão tomando seus olhos quando percebeu que eu estava prestes a deixá-lo ali como ele tinha ordenado. Jenkins cerrou os dentes, conformado, e sorriu.

A dor nunca vai passar. Só aumenta.

Forço meus dedos a se abrirem.

Bradshaw me olha com calma, a postura fria ainda intacta. O desinteresse que irradia desse cara é absurdo. Não há dúvidas de que são gêmeos, mas, agora que vi os dois de perto, seus olhos têm tons diferentes de azul, e suas personalidades não poderiam ser mais opostas. Como fogo e gelo.

— Nellie. — Estendo a mão para apertar a dele como fiz com Eren, mas Bradshaw só continua me encarando com o mesmo olhar indiferente.

Não parece nem ao menos tentado a apertar minha mão. *Meu Deus, qual é o problema desse cara?*

Eren esbarra seu ombro no meu.

— Ele é babaca com todo mundo, não leva pro pessoal.

Bradshaw não responde, nem sequer parece ofendido. Simplesmente volta a colocar os fones de ouvido e fecha os olhos. Seus cílios são longos e adornam a pele pálida. Fico olhando por um instante a mais do que deveria, admirando suas feições etéreas antes de voltar a me concentrar em Eren. Ele sorri.

— Quer beber com a gente hoje? Ou tem compromisso?

O cara está me convidando para sair? Meu peito fica agitado. Na verdade, só tem um ser humano que estou com medo de encontrar antes de amanhã. Chamam de Bones. Dizem que é o homem mais cruel das Tropas Ocultas. Ao que parece gosta de rasgar o peito das pessoas e literalmente arrancar o coração. Às vezes os ossos, daí seu codinome perturbador.

Por azar, esse cara é meu parceiro no Malum, e não sei como vou sobreviver.

Mas Eren não é ele. Tenho certeza. E, se for para passar o próximo mês infeliz, por que não me divertir um pouquinho?

Devolvo o sorriso.

— Claro. Só não posso ficar até tarde. Tenho compromissos bem cedo amanhã — digo, tão casual quanto possível.

Minhas veias se enchem de adrenalina com a ideia de sair numa última noite de liberdade. Com sorte, rola um lance com Eren.

O sorriso dele é matador.

— Eu nem sonharia em deixar uma coisinha tão doce quanto você na rua até tarde.

O bar na verdade é uma boate. Não daquele tipo xexelento de cidade pequena, mas do tipo que tem seguranças na porta verificando reservas e listas.

Pago o Uber e encaro o prédio. A música está tão alta que até do lado de fora é difícil ouvir as conversas. *Será que eu devia voltar pro hotel?* Penso em fazer isso, mas Eren está me esperando e grita meu nome.

As leggings e a camiseta fina e justa que usei no avião pareciam apropriadas para um bar, mas agora me sinto deslocada em meio às mu-

lheres mais jovens de cropped e shorts bem curtos. Não que eu tenha alguma coisa desse tipo para usar de todo modo. Trouxe pouca bagagem; não tenho mais do que três conjuntos de roupas casuais. Esta é a primeira vez em meses que fico fora da base. As Tropas Ocultas não são compostas por indivíduos exatamente livres. Estamos no meio do caminho entre criminosos e cães militares.

Eren vem até mim na beira da calçada.

— Olha ela aí. Tinha certeza que você ia vazar se eu não estivesse aqui pra te pegar. — Ele dá uma piscadela, e só consigo abrir um sorriso desajeitado.

— Pensei nisso, sim.

Ele ri e me leva direto para as portas. Dou uma olhada na fila de pessoas irritadas esperando para entrar, com impaciência e raiva palpáveis. Também odeio quando furam fila. O segurança olha feio para mim, mas Eren acena para ele, que então me deixa passar sem nenhum problema.

Não imaginei que Eren frequentasse esse tipo de lugar, a julgar pela sua aparência.

— Já veio aqui? — pergunta ele com tranquilidade, passando o braço em torno dos meus ombros. Um arrepio sobe pela minha espinha, e meu coração acelera. Balanço e cabeça, e ele dá um sorrisinho. — Então se prepara pra uma puta noite.

Entramos na pista principal da boate. Está escuro, e é difícil distinguir os rostos. Luzes azuis e roxas piscam com a música que ressoa no ambiente, provocando uma vibração animada pelo meu corpo. Há nuvens de gelo-seco no ar. As luzes cortam as sombras, e o cheiro forte de álcool me envolve.

Eu tinha vinte e dois anos na última vez em que estive num lugar assim, mas aqui é bem, *bem* mais chique.

Eren sorri para mim, claramente satisfeito ao ver minha admiração. Diz alto:

— Vou pegar bebida pra gente.

— Traz uma lata fechada pra mim — grito por cima da música.

Seu rosto assume uma expressão maldosa.

— Garota esperta. — Ele pisca para mim e desaparece em meio à multidão que se aglomera em torno do bar.

Dou risada e balanço a cabeça, me perguntando como a noite vai se desenrolar. Não seria a pior coisa do mundo dormir com alguém para ajudar na minha adaptação ao terror que começa amanhã. Eren parece o tipo de cara que é bom nesses lances casuais. Em nossa profissão, isso não é um defeito. Nossas vidas são inconstantes, na melhor das hipóteses, e estamos sempre nos mudando. Mas, no meu caso, sou uma oficial clandestina; eu não poderia ter um relacionamento nem se quisesse.

Parece que Eren vai ficar no bar um tempinho. Estreito os olhos e o observo tentar chamar a atenção do bartender, mas tem tanta gente gritando e balançando os cartões que não tenho muita esperança de que ele volte logo. Meu olhar passeia pelo mar de pessoas se esbarrando e se esfregando ao som da música na pista de dança, que fica no meio da boate, rodeada de assentos para os frequentadores fazerem pausas e beberem. Cada batida é tão alta que reverbera na minha pele. Sorrio para mim mesma e vou abrindo caminho em meio ao calor de corpos suados e bêbados. Onde tenho certeza de que ninguém vai me ver me divertindo horrores.

É um sentimento totalmente diferente estar em um lugar onde ninguém te conhece. Onde não tem ninguém para te julgar por relaxar um pouco.

Já faz dez minutos que estou dançando com movimentos casuais quando um remix de “Hey Mama”, do David Guetta, começa a tocar e todo mundo solta gritinhos animados. É uma sensação eletrizante, e meu coração acelera um pouquinho no peito. Deixo o corpo seguir a empolgação das pessoas e se mexer com a batida, rebolando no ritmo da música.

Meus olhos estão pesados, o queixo, erguido, e acabo olhando para a parede no fundo da boate. Encostado ali, está Bradshaw. Seus braços estão cruzados com firmeza, e ele está todo de preto, ainda de capuz. Um flash de luz roxa o atinge por um instante, iluminando aqueles olhos frios e revelando que estão focados apenas em mim, como se estivesse me assistindo rebolar esse tempo todo. Não consigo ver bem suas tatuagens no pescoço mais cedo, mas, com a luz em cima dele, é impossível não notar o desenho que segue e acentua seu maxilar perfeito.

Tem alguma coisa em como ele me olha, como um homem esfomeado contemplando um ato hediondo. Ninguém precisa me dizer que não há um único pensamento decente na cabeça dele.

Alertas vermelhos piscam ao redor desse cara. Mas não consigo desviar o olhar. Ele me fascina, até me *assusta*, mesmo que eu possa matar um homem em cinco segundos.

Minhas veias gelam sob o escrutínio dele, mas não paro de dançar. Sustento seu olhar intenso por alguns segundos para que ele saiba que não me intimida, então me forço a olhar casualmente para o outro lado, como se não o achasse hipnotizante.

Como é que eu fui esquecer o gêmeo psicopata? Repreendo a mim mesma e reviro os olhos. Me recuso a permitir que ele saiba que sua observação atenta está me afetando. Minha mãe sempre dizia que eu gostava dos caras que não valem nada. Duvido que ela soubesse que eu ia crescer e ficar a fim de homens que claramente têm problemas psicológicos. Aqueles que você deixa de fora quando reza para Deus perdoar seus pecados; aqueles que têm passados sombrios e muita ficha corrida.

Curiosa e talvez querendo provocá-lo um pouquinho, levanto os cílios devagar e o encontro me encarando com firmeza. Sinto um calor me inundar com seu atrevimento. Ele não liga que eu esteja o encarando. Não parece nem um pouco nervoso enquanto continuo dançando, sem me deixar perturbar, rebolando o quadril e erguendo as mãos acima da cabeça como todo mundo, mas percebo que seus dedos apertam o braço e seu lábio inferior vira uma linha.

Ah! As paredes dele não são tão impenetráveis assim, no fim das contas.

Enquanto danço, alguém chega por trás de mim, deslizando as pontas dos dedos suavemente pelo meu quadril em uma pergunta silenciosa. Sorrio e respondo me recostando e empurrando a bunda contra um pau duro.

É, já faz um tempinho que não vou a uma boate *desse tipo*. Onde o ar é carregado de desejo e álcool. Onde estranhos tocam seu corpo com a esperança de que você lhes dê permissão.

Meu novo parceiro de dança responde na hora, se mexendo no mesmo ritmo do meu quadril. Ele enterra os dedos na minha cintura enquanto balançamos; sua respiração fica mais pesada a cada batida da música. Me deixo levar por um instante, largando as costas contra os músculos firmes e aproveitando o perfume que preenche meus sentidos.

Volto a olhar para Bradshaw, mas ele sumiu. A ereção se esfregando na minha bunda não me deixa pensar tanto nisso, mas não preciso me perguntar aonde ele foi por muito tempo.

— Ei, o que você tá fazendo? — grita o homem atrás de mim, furioso.

Seu corpo se separa do meu bem rápido, e o ar frio instantaneamente azeda meu humor.

A música está alta, fazendo meu coração pulsar no corpo todo. Me viro e vejo Bradshaw empurrando o cara para o lado. Ele parece querer empurrar Bradshaw de volta, mas dá uma olhada em sua compleição assustadora e se conforma em xingar e sair andando em meio à multidão.

Faço cara feia e grito:

— Qual é o seu problema?

Bradshaw volta a me encarar com a mesma frieza, embora haja um toque de interesse agora.

— Você veio com *a gente*.

É a primeira vez que ele fala, e, por um segundo, todo o resto fica em silêncio. Sua voz ressoa alto na minha cabeça, mesmo que ele não tenha gritado. Quero ouvi-la de novo.

Engulo em seco e decido deixar pra lá, sem saber exatamente quais são suas intenções.

A próxima música começa a retumbar, uma versão remixada de “Summertime Sadness”, da Lana Del Rey. Volto a dançar, mas mantenho os olhos fixos nos de Bradshaw. Seu olhar gelado cintila com as luzes piscantes. Ele bufa e trinca o maxilar.

Me viro para evitar seu olhar pesado, deixando meu corpo reencontrar o ritmo. *Meu Deus, espero que o Eren venha logo com as bebidas!*

Mãos calejadas deslizam pelos meus quadris. Não preciso me virar para saber que pertencem a Bradshaw. São firmes e decididas, tão rígidas quanto ele aparenta ser, só que mais sensuais do que quaisquer outras que eu já tenha conhecido. Talvez seja a malícia por trás delas. A intensidade do aperto. Sinto um calor inundar meu corpo inteiro quando ele afunda os dedos na minha pele.

Meu corpo traiçoeiro instintivamente se derrete em seu peito firme. Os músculos que sinto por baixo do moletom são uma surpresa agradável.

Será que ele é militar como o irmão? Esfrego a bunda nele e sorrio ao descobrir que está duro.

Ele mantém a mão no meu quadril, enfiando um dedo por baixo da minha blusa, esfregando minha barriga como se pedisse permissão. Meu sorriso está começando a doer com essa interação. Deslizo a mão para baixo até chegar à dele e a empurro um pouquinho para cima, para que ele saiba que tudo bem explorar.

Bradshaw solta um risinho maldoso, quase baixo demais para eu escutar. É um som tão voraz que preciso apertar as coxas uma na outra para controlar a sensação urgente.

Put a que pariu! Quem é esse cara?